

ESPELHO

JORNAL ILLUSTRADO

Vol II. (BRAZIL: PREÇO 300 REIS.) Londres, 4 de Novembro 1916. (PORTUGAL: PREÇO 8 CENT.) No. 18

PRIMEIRO MINISTRO DA INGLATERRA.



Mr. Asquith, o primeiro ministro da Gran-Bretanha, nas linhas de combate, examinando a vasta quantidade de munições e assistindo ao trabalho da collocação do fulminante.



Escritórios da redacção e administração
d' "O Espelho."

9, Victoria Street, W.

Telephone—Victoria 4661.

Londres.

Assignaturas.	Brazil, Portugal.
Annual ou (26 numeros)	Rs. 10 \$000 3\$00
Semestre ou (13 numeros)	Rs. 5\$000 1\$50

AGÊNCIAS.

PARIS.

F. Mendes d'Almeida, 47, rue Vivienne.

Lisboa—

Alberto Rocha, 110, Rua dos Douradores.

Porto—

Magalhães & Moniz, Largo dos Loyos.

Mannos—

Stowell Brothers, Rua Marechal Deodoro, No. 7.

Para (Belem)—

A. M. Freitas & Cia, Trav. Campos Sales, 22
"Alfacinha," Rua João Alfredo,
Livreria Universal de Tavares Cardoso, Rua
João Alfredo.

São Luiz do Maranhão—

Antonio Pereira Ramos de Almeida & Cia.

Caeta—

Crato, Rua do Commercio, 9, José de Carvalho
Camocim, José Pedro de Carvalho,
Casa Ribeiro.

Parahyba do Norte—

Simão Patrio de Almeida, Areia.

Pernambuco—

Eugenio Nascimento & Cia, Livreria.
Evaristo Maia, Rua dos Coelhos, 3.
Manoel Nogueira de Souza, Rua do Barão,
da Victoria.
João Walfredo de Madeiros & Cia., (Librairie
Française), Rua 1 de Março 9.

Bahia—

Joaquim Ribeiro & Cia., Rua das Princesas
No. 2.

Victoria—

Paschoal Sciamarello, Rua Jeronymo Mon-
teiro 6.

Rio de Janeiro—

Agencia Cosmos, Rua da Assembléa, No. 63.
Crashley, Rua do Ouvidor, 58.

São Paulo—

Casa Vanorden & Cia, Livreria.
C. Hildebrand & Cia (Casa Garraux), Rua 15 de
Novembro 40.
Pedro S. Magalhães, Rua da Quitanda 26.
Duprat & Cia., Rua Direita 26.
P. Genoud, Livreria, Campinas.

Porto Alegre—

Livreria Universal Carlos Echenique.
Agencia Cosmos.
Livreria Americana.
Fructuoso Fontoura, 4, Praça da Alfandega.

Rio Grande do Sul—

Albert C. Wood, S. Fco de Paula Cimo de Serra
Livreria Americana, Pinto & Cia.
Meira E. Cia, Livreria Commercial.

Curitiba—

J. Cardoso Rocha, Rua 15 de Novembro.

Goyaz—

Alencastro Veiga, Rua do Commercio.

Minas Geraes (Bello Horizonte)—

Casa Arthur Haas.
Rua da Bahia, no. 784, C. Postal No. 2.

NOTAS DO DIA

OS observadores da situação politica na Inglaterra devem estar um pouco perplexos pela grande attenção prestada nos ultimos dias aos recentes boatos da possibilidade de uma intervenção dos neutros na guerra. Não só Mr. Asquith, mas igualmente Mr. Lloyd George tem-se dado ao trabalho de explicar que tal tentativa seria considerada inoportuna para não dizer hostil.

Commentou-se, porque se emprega tanta eloquencia em afirmar uma coisa clara, obvia e tantas vezes repetida? Pensam porventura, que a opinião ingleza desconfia tanto do seu governo a ponto de tornar necessario repetir os compromissos sobre a firmeza dos seus objectivos na guerra? Ou, por outro lado, necessita o povo inglez de um tonico para se manter perseverante na guerra?

Nenhuma destas hypotheses porem, offerece a verdadeira explicação, a qual se deve procurar de preferencia em certas passagens de um discurso do Ministro da Guerra, mostrando que em dado momento houve certo e serio perigo de uma tentativa de mediação tão real, que a unica maneira de affastar as suas consequencias foi suffocar o movimento na sua propria origem.

Por outras palavras, a mutua determinação do governo e do paiz, para attingir o commum objectivo dos alliados permanece, como sempre inalteravel.

O povo não requer estimulo algum da parte dos ministros, nem os ministros da parte do povo, visto que todos estão de perfeito accordo. Entretanto, sabe-se que o governo tinha em sua posse informações taes que tornava-se necessario reafirmar categorica e publicamente os factos mais mesinhos da situação, evitando assim o inconveniente e falso passo por parte de algum intruso, bem intencionado, mas zeloso de mais.

E' possivel que actualmente o governo do presidente Wilson não esteja inteiramente convencido da parcialidade da Nota dos alliados, como lhe pareceu no primeiro momento da sua rapida reflexão. Quando a curta resposta de Mr. Lansing foi despachada, elle e os seus collegas estavam livres dos embarcos que pouco depois foram creados pelos destruidores ataques do submarino allemão na proximidade da costa americana.

Na Inglaterra não ha a menor intenção de tirar partido da America pelo incidente, e não haveria mesmo pretexto algum para mencionar o facto, se não fosse porque em deferencia ao appello do presidente Wilson, os cruzadores inglezes receberam ordem, ha cerca de um anno, de se retirarem da zona em que foi permitido ao submarino perpetrar o crime.

Sem intenção pois, pode dizer-se que a concepção americana de estricte neutralidade neste caso resultou não só numa indevida vantagem para um dos poderes belligerentes, mas ainda no sacrificio de vapores de dois paizes neutros (Hollanda e Noruega) entregues ao selvagismo da Alemanha. Quando a neutralidade assim opera em detrimento de neutros, os belligerentes só poderão remediar a situação agindo como a necessidade obriga.

Pelo que diz respeito á Inglaterra o seu primeiro trabalho será atacar, como nas aguas europeias, os submarinos em qualquer lugar em que elles se encontrem e continuar os ataques até que os seus recursos e esphera de acção sejam finalmente reduzidos ao extremo.

Nos constantes debates do parlamento inglez sobre a guerra as finanças parecem ter sido rele-

gadas para um plano secundario. Creditos de dinheiro são votados não em dezenas, mas decididamente em centenas de milhões, e ainda assim essa extraordinaria despeza é considerada como facto normal, difficilmente provocando commentarios.

Na verdade, foi notado o outro dia que, quando Mr. Asquith falou das quantias adiantadas ás nações aliadas que excederam o orçamento do chanceller do Exchequer, os membros do parlamento longe de censurar o seu calculo applaudiram com calor e approvaram as declarações do primeiro ministro, de que o dinheiro não poderia ser melhor gasto do que em estreitar as relações dos amigos da Inglaterra.

No principio da guerra Mr. Lloyd George era de opinião que a Inglaterra por quanto pudesse manter a supremacia nos mares defendendo os interesses dos paizes da Entente e neutros contra os poderes centrais e tomar a seu cargo a principal responsabilidade das finanças para a guerra, não poderia ao mesmo tempo ter um exercito em campanha igual aos dos paizes do continente.

Entretanto, essa triplice tarefa é hoje accete pelo povo inglez como uma parte normal do seu trabalho diario, e o ministro da guerra afirma não ser superior ás suas forças.

Por outro lado, se Mr. Asquith reconhece a magnitude das responsabilidades, também sabe e expõe aos seus concidadãos a enormidade dos recursos pelos quaes esse despeza é mantida—um tributo ao patriotismo nacional e o orgulho do seu povo, justificado pelo franco supporte prestado aos leaders da nação.

Em presença dos factos hoje conhecidos em todo o mundo não mencionando certos offerecimentos de territorio ainda vividos na memoria de todos, é difficil comprehender-se as declarações attribuidas ao rei Constantino, que se a Grecia se tivesse juntado á Entente, teria sido abandonada na guerra sem supporte de especie alguma.

Em virtude dos esforços feitos pelos alliados e particularmente da actual potencia do seu exercito na Macedonia, tal supposição é simplesmente ridicula. Ainda que tivesse sido deixada sem auxilio para sustentar a guerra, a sua situação nunca poderia ser peor do que a que creou pela sua perniciosa e fatal politica de indecisão.

Se áquella nação fosse permitido honrar o compromisso dos seus ministros, responsaveis e se tivesse se aliado no começo á Servia, aos poderes garantidores da sua independencia, teria feito muitissimo para apressar a victoria dos alliados e conquistado para si mesmo um futuro, segundo as palavras de Mr. Asquith "digno das nobres tradições do seu grande e glorioso passado."

Suprehende a alguns a audaciosa declaração do primeiro ministro da Inglaterra, suggerindo que mesmo agora, se fosse sabiamente guiada e governada, a Grecia poderia recobrar todas as oportunidades que perdeu. Talvez, mas bem poucos acreditam em tal acontecimento, excepto se o governo da nação fosse confiado a cerebros mais intelligentes do que aquellos que até ao presente tem merecido a confiança do rei.

E' muito provavel que tal pensamento estivesse no espirito de Mr. Asquith no momento em que falou e, portanto, no dos alliados.

Certamente é esta a conclusão do povo inglez, particularmente depois que as batalhas da Romania deram á Grecia um exemplo para a acção

Publicações

"The Musical Education of the Child," por Stewart Macpherson. Publicado por J. Williams, Ltd. 2s. 6d.

Este pequeno livro contem ideias sãs e uteis principios sobre educação, devendo pois ser lido de preferencia por todos os que se interessam por este ramo de progresso.

Mr. Macpherson syntetisa a sua doutrina nesta sentença. "A experiencia de hontem é um dos mais poderosos factores educativos de amanhã." E assim, afirma elle, é necessario transformar os presentes methodos de ensino musical, geralmente existentes hoje, procurando estimular entre os jovens a apreciação da boa musica.

A musica ensinada, segundo o methodo de Mr. Macpherson, include a harmonia, como sua consequencia natural, e nutre o poder

creador das creanças desde a mais tenra infancia.

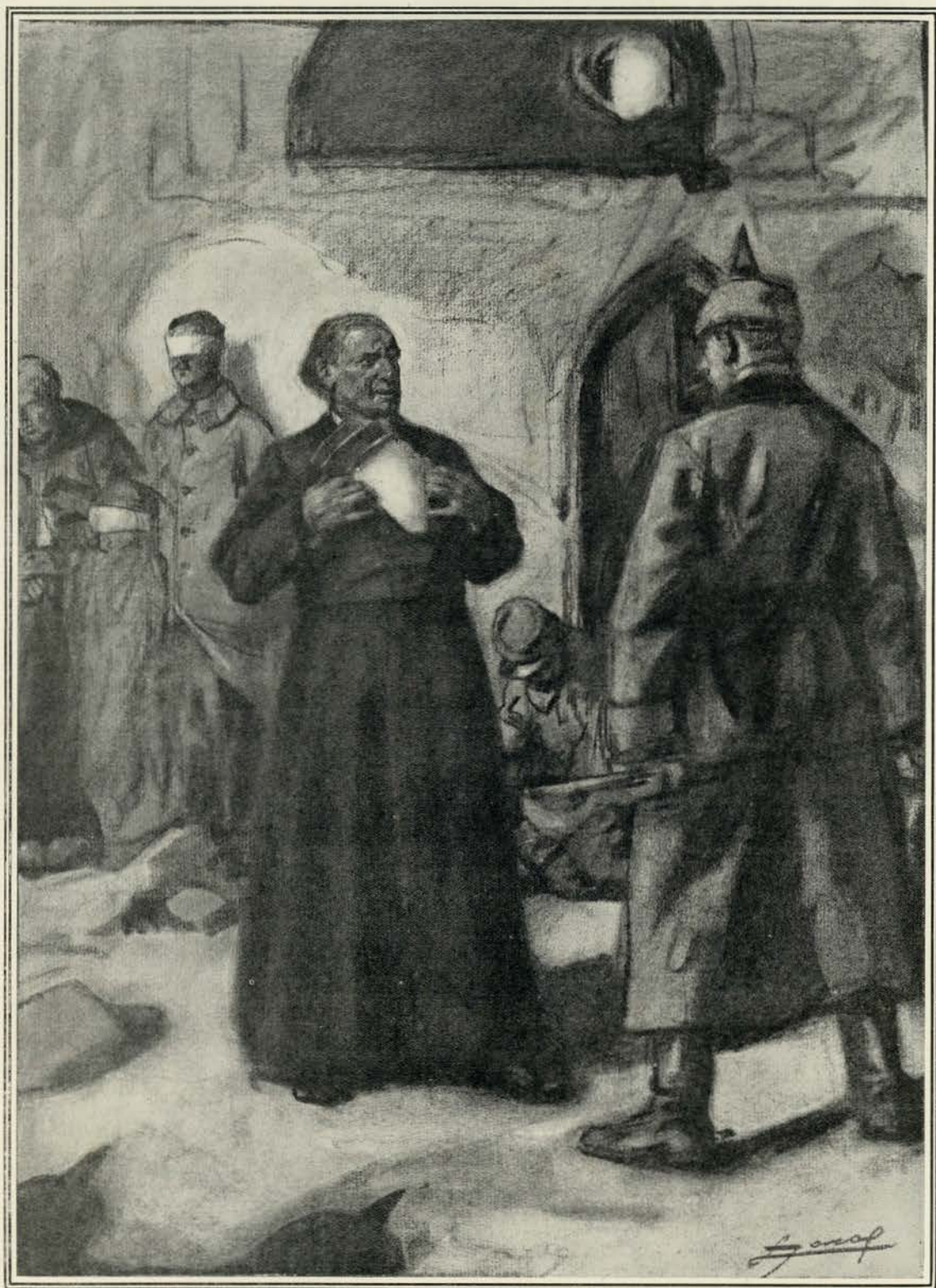
LA PIMPINELA ESCARLATA pela baroneza de Oreyz. Genevieve, por Alphonso de Lamartine.

Recebemos da importante livreria Nelson estes dois bellos romances em espanhol e francez. Merecem ser adquiridos pelos nossos leitores.

A LA MINUTE, por Armando Ferreira. (Lisboa).

Armando Ferreira escreveu uma serie de pequenos contos, de grande relevo litterario, em estilo seu, e de uma leveza e realce que, sem fatigar, prendem constantemente attenção dos leitores. Recommendamos a sua leitura.

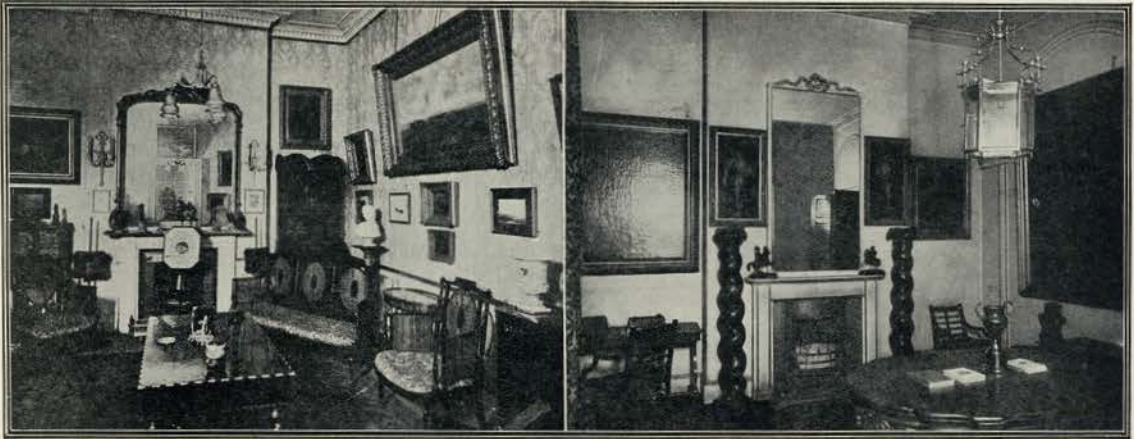
ADMIRAVEL "KULTUR" ALLEMÃ!



EM UMA PRISÃO BELGA

De St. Heric

"Se necessitaeis uma victima, aqui a tendes"



Legação portuguesa. (1) Saleta. (2) Hall da entrada.

PORTUGAL E SUA LEGAÇÃO EM LONDRES

MUITO em breve os briosos soldados portugueses virão combater em França ao lado dos aliados e, certamente a elles está reservada a mesma gloria que alcançaram quando comandados por Wellington.

A legação portuguesa em Londres tem a dirigi-la um alto espirito e, exímio diplomata na pessoa de S. Exa. o Sr. Dr. Teixeira Gomes. O papel desempenhado por S. Exa. no momento actual tem sido de capital importancia, firmando mais uma vez as relações seculares e amigáveis entre Portugal e a Gran-Bretanha.

A carreira diplomatica de S. Exa., embora curta, tem sido uma das mais brilhantes e o governo da Republica, nomeando-o para tão alto e espinhoso cargo, reconheceu os meritos, e os dotes de intelligencia que o exornam. No periodo de luctas que atravessamos e no qual a diplomacia exerce um logar tão preponderante a sua acção tem-se feito sentir poderosamente, elevando o nome de Portugal entre o concerto das outras nações europeias.

Como jornalista e homens de letras acamaradou com os mais scintillantes espiritos do seu tempo, e deixou uma vida toda intellectual para desempenhar na maior cidade do mundo o logar de representante da nação portugueza. Damos a seguir algumas notas biographicas, registadas na *(Encyclopédia Portuguesa)*.

"Esciptor, nascido em Villa Nova de Portimão, a 27 de maio de 1862. Estudou preparatorios no Seminário de Coimbra, então um dos estabelecimentos de ensino mais notaveis do paiz, matriculando-se em seguida na Universidade que abandonou depois de ter perdido o anno.

"Indo para Lisboa alli se relacionou com alguns homens illustres nas letras, vivendo na intimidade do grande poeta João de Deus e do critico Fialho de Almeida. De Lisboa partiu para o Porto, onde acamaradou com os rapazes em evidencia na bohemia litteraria, pertencendo ao grupo que invariavelmente se reunia em casa de José Sampaio (Bruno), á rua do Bom Jardim, grupo de rapazes cheios de talento e de irrequieta e audaciosa mocidade cuja historia, decerto, alguém fará um dia, aproveitando os episodios em que tão fertil foi essa epoca de que com tanta saudade se recordam os que a ella pertenceram.

"Com Queiroz Velloso, hoje conselheiro politico e professor do Curso Superior de Letras e Joaquim Coimbra, a jovial *Raul Didier* que, serendo das tumultuosas paixões que o abraçaram nos tempos felizes em que cantava as maravilhas das Palmyras loiras se converteu no solicito negociante que hoje é, fundou o jornalzinho de que, como todas as publicações analogas, teve vida ephemera.

"Collaborou na *Folha Nova*, o esplendido jornal que tão especial logar occupa na historia do nosso jornalismo, na *Folha de hoje*, no *Primeiro de Janeiro*, e em varias revistas litterarias que então se publicavam e que, como as celebres rosas, viviam apenas o espaço de um dia. Desta bohemia a que se entregara cedendo á irreflexão dos annos juvenis, entendeu sair quando, numa hora de mais recolhido pensar, se convenceu de que a vida tem exigencias imperiosas e que, para se viver nella com desaffogo e nobreza, é preciso adoptar um ritmo que conduza a um destino certo.

"Estas reflexões, feitas aos 20 annos, de sobejo demonstram o são criterio do moço litterato. Assim um bello dia abalou para Portimão, onde a sua chegada encheu de alegria os extremosos

"Visitou tambem com vagares e attentões de artista as grandes e sombrias cathedraes, os vastos e solemnes museus, as galerias admiraveis e os palacios sumptuosos onde se reúnem as obras primas dos seculos. Dessas visitas, sollicitadas por um alto interesse espirital, adquiriu conhecimentos tão vastos sobre a arte e a sua historia que o infatigavel e attento viajante é hoje, sem contestação alguma, um dos mais finos e subtils criticos de arte que possuímos.

Recolhendo á paz e á alegria de sua casa de Portimão, principiou a escrever para dar, com esse trabalho tão grato ás nobres almas, uma grande alegria ao seu claro espirito.

São desse periodo de fecunda actividade mental os bellos livros: *Inventario de Junho*, *Cartas sem moral nenhuma*, *Agosto azul*, e o drama: *Sabina Freire*, de que a imprensa se occupou com largueza e que são, de facto, de melhor que recentemente tem apparecido no mercado litterario.

"Ultimamente, envolvido em outras explorações industriais e agricolas, poz de lado a penna, que muito em breve retoma á para concluir outros trabalhos já principados e alguns bastante adelantados. Teixeira Gomes é, reamente, um bello e primorossimo espirito e um dos homens mais notaveis do nosso paiz pela sua originalidade, pelo rythmo e pela cor da sua prosa, pela ternura e pela delicadeza dos seus pensamentos, e pela subtilidade e pela graça dos seus conceitos.

"Filho de um homem educado em França onde assistiu á revolução de 48, neto de um revivido de Napoleão, que fez a campanha da Russia e commandou um esquadro em Waterloo e que, no regresso á patria, só encontrou desamor e odio, sendo atirado para o Limoieiro onde appareceu morto, exactamente na vespera de Terceira entrar em Lisboa com as suas tropas constitucionaes. Teixeira Gomes é tambem um grande liberal, tolerante e progressivo, com um austero e nobre cult: pela justiça. Esta forma do seu caracter completa a sua personalidade tão sympathica e tão attraente.

"É um algavio com todos os caracteres da sua raça, dominadora e forte, embalado pelo mar rumoroso e immenso, esse mar donde outr' ora, em dias mais claros para a alma nacional, saíram as caravelhas do infante na ancia infinita de alargar o mundo.

"Descendente dos celtas, idealistas e apaixonados, o auctor do *Agosto azul* é, como elles, uma alma varonil e um espirito delicado e affectivo a que as viagens e o convívio com civilisações mais perfeitas deram encanto mais superior e uma harmonia mais perfeita."



S. Exa. o ministro portuguez em Londres Dr Teixeira Gomes.

paes, e, decidido a trabalhar, dedicou-se á exploração de uma industria que desenvolveu com a maior habilidade e o mais completo exito, aproveitando os meses de mais descanso em viagens pelo paiz e pelo estrangeiro.

"Espirito de larga cultura e cada vez mais desejoso de conhecer o que por esse vasto mundo existe, viajou durante o largo espaço de vinte annos, percorrendo a Europa e estudando minuciosamente toda a costa do Mediterraneo. Possuindo a paixão das viagens, se não pousou nas aringas da terra dos Matebeles, entre caçadores de elephants, como Fradique Mendes, de Eça de Queiroz, frequentou na ancia de conhecer costumes, ineditos, as tribus dos Touareghs, ao lado dos quaes galopeou, sobre camellos ageis com a pericia e a tranquillidade de quem se reconhece familiarizado com o deserto.



(1) O GABINETE DE TRABALHO DE S. EXA. O MINISTRO PORTUGUEZ. —
(2) UM DOS ASPECTOS DO SALÃO NOBRE DA LEGAÇÃO PORTUGUEZA.

Espectáculos para "O Espelho."



O que resta da floresta de Delvil.

Interminável linha de caminhões ingleses, atrás das linhas de combate.



Procurando cartas para enviar ás familias dos combatentes.

Transporte de munições para as linhas da frente.

PELA HONRA DA CIVILISAÇÃO. DA ALLEMANHA.

NO CAMPO DE GUSTROW.

"Todos os dias, á hora da distribuição da comida, representa-se um espectáculo doloroso: Os prisioneiros famintos atiram-se doidamente contra a tigela de sopa ou o pedaço de pão.

"Prisioneiros civis, já muito edosos, são empurrados brutalmente e atirados ao chão. Exgotados pelos sofrimentos, alguns desses velhos prisioneiros famintos, deitam-se de bruços na lama, esperando o momento de apanhar com a bocca os fragmentos de comida que cahem das marmitas de seus companheiros de infortúnio!

"E' nessa occasião que os guardas allemães os levantam á cacetadas ou então a golpes de bayonetas!

"Eu posso citar os nomes, continua o medico, de alguns desses monstros allemães, responsaveis por tamanhas crueldades: o enfermeiro Schultz, os officiaes Schwager, Deckmann e Appell. O mais infame de todos elles é, sem duvida, o Inspektor do campo, um certo Abraham cuja ignominia chegava ao ponto de despojar os prisioneiros de suas botas para que soffressem mais os rigores do frio!

"E' tambem digno de nota por sua malvadez, o cosinheiro de nome Schmidt que requintava a sua crueldade, atrahindo os prisioneiros famintos por meio de uma bacia cheia de alimentos e, quando aquellos se approximavam para saciar a sua fome, o miseravel cosinheiro e seus cumplices os atacavam á cacetadas!

"Já mais poderei esquecer o medico em chefe escolhido para dirigir os carrascos allemães. Trata-se de um estudante de medicina chamado Dekker, com o grau de *unterarzt* ou seja equivalente a um ajudante de serviço sanitario. Esse patife de duvidosa competencia medica e de valor moral inteiramente nullo teve sob as suas ordens 20.000 homens prisioneiros incapaz de os curar o canalha tornou-se responsavel pela morte de grande numero delles. Como sempre em poucos campos de prisione-



Esperando a ordem para conduzir ás trincheiras seus camaradas.

PELA HONRA DA MAXIMA INFAMIA O MARTYRIO DOS PRISIONEIRO

da civilização, pelo progresso da humanidade e da vida humana.

Damos a seguir a palavra a Madame Karen Bramson. "Pode-se dividir em tres classes os campos em que os prisioneiros de guerra são internados:

"1.—Os campos chama dos de *parada*, que são mostrados facilmente aos diplomatas e aos naturaes de paizes neutros.

"2.—Os campos de *reprovação* cuja supressão já foi de ha muito prometida, tendo o proprio governo allemão reconhecido que o tratamento alli imposto aos prisioneiros de guerra era excepcionalmente duro.

"3.—O campo constituído por uma massa consideravel de prisioneiros que trabalham e que são vilmente explorados pelo governo allemão. A razão de ser desse terceiro campo é que a Alemanha procura tirar o maximo lucro de mão de obra dos prisioneiros, submettendo-os a um regimen tão severo que, quando chegar o momento de paz, as suas energias estarão completamente destruidas, a sua saúde arruinada e o seu organismo em perspectiva da tuberculose!

"Para que o mundo civilisado possa fazer uma ideia desse monstruoso regimen de galés, é opportuno referir a informação seguinte emanada de um clinico illustre, testemunha ocular das ignominias cometidas pelas autoridades allemães no campo de Gustrow.

"Desde a chegada dos primeiros prisioneiros nos ultimos dias de setembro de 1914, diz o referido medico, o tratamento que lhes foi imposto no campo de Gustrow, representa um atrevido insulto á consciencia da humanidade.

"Sob a influencia do clima rigoroso do Mecklembourg desabrigados contra a neve, em meio das tempestades, dos vendavaes, soffrendo um frio glacial, em pleno mez de janeiro, os infelizes prisioneiros não tem outra habitação além de pobres tendas onde dormem sobre a lama, cobertos de vermes torturados pela fome!

"Cada noite que se passa assignala a morte de um desses desgraçados, victimas da crueldade allemã.



Mr. Lloyd George falando com um soldado das forças indias

ALLEMANHA toca ao extremo de sua inconcebível miseria moral e attinge ao fundo escurissimo da maxima baixaza. Já não se trata de relatorios resultantes de cuidadosas e profundas investigações levadas á effeito por honradas commissões constituídas por homens eminentes dos paizes alliados.

Trata-se de uma escriptora dinamarqueza, Madame Karen Bramson que, tendo entrevistado numerosos prisioneiros vindos do campo de Gustrow e se documentado admiravelmente sobre as crueldades de que foram victimas, vem de revelar as infamias das autoridades Germanicas em um sensacional artigo publicado no *Matin*, de Paris.

A consciencia humana não pode deixar de explodir em protestos vehementissimos contra as baixezas inauditas do governo allemão, reduzindo ao extremo da miseria physiologica, matando lentamente pela fome e pelos supplicios os infelizes prisioneiros que lhe cahem nas mãos!

A Alemanha se esquece que esses homens, esses prisioneiros que se acham agora em seu poder, pouco antes se haviam batido prodigiosamente pela causa da patria, da civilização e da liberdade e por isso mesmo não podem ser reduzidos á condição ignominiosa de tristes escravos do mais despotico e vil de todos os governos, da mais requintadamente abjecta de todas as autocracias!

A Alemanha se esquece dos admiraveis exemplos de humanidade que lhe offerecem a Inglaterra e os seus valentes alliados, tratando admiravelmente os prisioneiros allemães, austriacos bulgaros e turcos.

A esses prisioneiros não falta o alimento, o medico, o agasalho e o conforto. Elles são considerados como homens e tratados com a maxima caridade.

A Alemanha, porém, na brutalidade feroz de seus instinctos, nega tudo aos seus prisioneiros e da-lhes a morte pela fome, pelo desconforto e pelo martyrio a que os sujeita!

E' uma infamia. A Alemanha está completamente deshonrada aos olhos da humanidade. O mais vil de seus soldados é igual ao seu imperador. As classes armadas da Alemanha, o governo e o povo allemão confundem-se num turbilhão de abjecções e torpezas.

Mas pela honra da civilização esses factos não podem continuar. A obra santa do christianismo creada ha deoito seculos, contando mil e oitocentos annos dos scintillantes triumphos não pode ser assim amesquinhada pela Alemanha.

A civilização deve fazer effectivo o seu protesto, irrompendo de todas as republicas da America de todos os paizes livres do mundo inteiro contra as infamias da Alemanha, atrevidamente repetidas cada dia desta guerra.

O codigo do direito internacional não pode ficar no chão, espezinhado por uma horda de barbaros; as conquistas seculares da civilização não devem ficar á mercê das phalanges ebrias do Kaiser.

Todas as nações dignas do mundo antigo e moderno, todos os livres homens devem trazer o seu concurso para acelerar a victoria dos alliados contra a Alemanha e os seus parceiros.

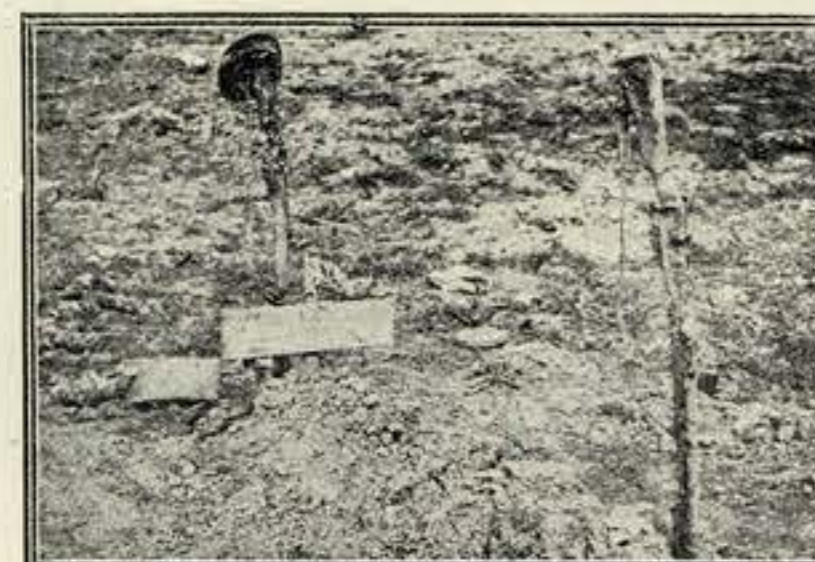
A neutralidade em face dos crimes da Alemanha é uma theoria insustentavel; ella representa um imperdoavel desprezo pelas conquistas



A 100 metros da aldeia de Thiepval.



Artilharia inglesa ataca os allemães.



Tumulo de um desconhecido soldado ingles.



Ingleses relatando as suas aventuras.



Posto avançado da C. Vermelha inglesa.



Transporte indio empregado em França.

ros da Alemanha os mais mal tratados são os ingleses; elles eram no momento das refeições os ultimos a serem servidos e se adocciam, dispensavam-lhes ainda menores cuidados que aos de outras nacionalidades.

Roidos pela fome, os soldados ingleses parecem esqueletos e essas creaturas tão dignas, tão justamente orgulhosas, tão *gentlemen* são obrigados a vender as suas roupas para obter um pedaço de pão! Quando elles não tem mais, nem camisa, nem meias e nem cobertores, literalmente nus, todas as forças exgotadas, vão parar no hospital!

A visita ás salas da barraca que os allemães decoram com o nome de hospital, causa uma impressão a tal ponto dolorosa que o coração da gente sente-se terrivelmente oppresso.

Com effeito, não é possível contemplar sem lagrimas, aquellas faces descarnadas, aquelles olhos luzentes na profundidade impressionante das orbitas; moribundos estendidos sobre porções de palha suja, cobertos de farrapos e de vermes! Alguns entre elles estavam a tal ponto cobertos de piolhos que não fora possível descobrir-lhes a cor da pelle!

Para um prisioneiro se julgar com o direito de estar doente, é preciso ter, pelo menos, 39 graus de febre. Se a temperatura desce para 38,5 o enfermo é logo classificado entre os convalescentes. Os medicamentos são escassissimos e quasi não existem. Para cento e cinquenta doentes as autoridades allemães fornecem apenas 8 litros de leite!

Ha muito tempo não se encontra no campo de Gustrow nenhum elemento para fazer ligaduras; o arsenal cirurgico consta alli somente de dois ou tres bisturis, uma ou duas pinças hemostaticas, uma sonda, um estylete e duas tesouras!

Taes são os elementos operatorios de que dispõe o hospital do campo de Gustrow.

Grande numero de prisioneiros não tem nem mesmo o abrigo de uma barraca e vivem nas tendas humidas, sem sombra sequer de conforto.

Pelos caminhos lamacentos e esburacados onde enterravamos as pernas, fomos conduzidos ao campo de Gustrow e lá nos achamos em presença de tendas de panno, de forma rectangular onde dormem cerca de sessenta prisioneiros; algumas são tão grandes que comportam centenas de homens.

Quando chove, a agua atravessa o panno das tendas e cahe sobre os prisioneiros, encharcando cada vez mais o solo humido e lamacento que já não pode absorver-a. Nessas tendas demasiado baixas, em que um homem não pode ficar de pé e nas quaes ninguém pode ficar deitado, os infelizes prisioneiros passam as suas horribes noites a tremer de frio!

Na data de 31 de janeiro encontro sobre o meu livro de notas o seguinte detalhe: faltou a palha para os prisioneiros se deitarem. Foram encontrados no lixo tres prisioneiros ingleses completamente nus e que não tiveram a força necessaria para se levantarem.

No momento actual, a mortalidade no campo de Gustrow torna-se assombrosa, sobre tudo entre russos e ingleses. Elles morrem menos pela doença do que pela miseria physiologica a que foram condemnados pelas autoridades allemães e é desse modo que se realiza a serie premeditada de lentos assassinatos!

NA VANGUARDA OCCIDENTAL. A ARTILHARIA RIBOMBA. OS CAVALLOS INGLEZES

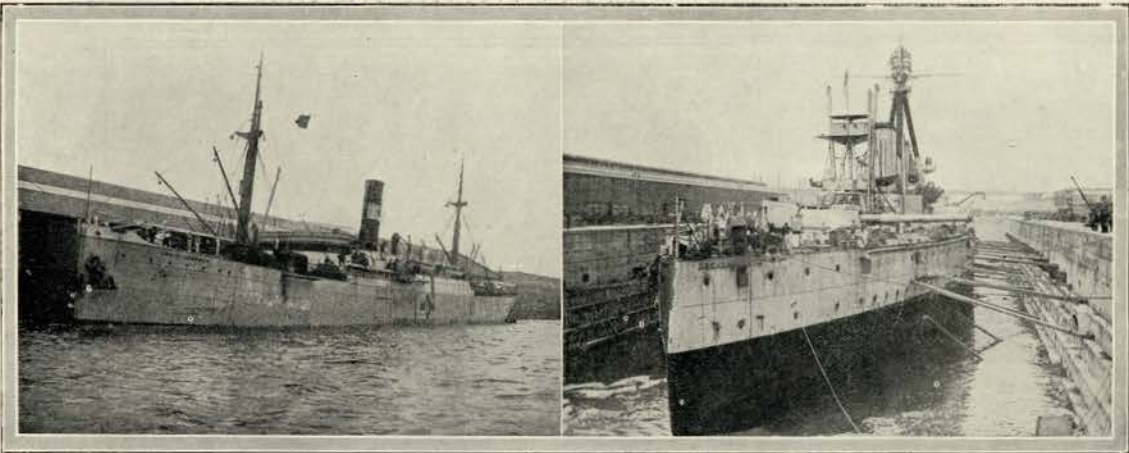


CALMOS, OS CAVALLOS INGLEZES ESCUTAM O TROAR DA ARTILHARIA.

De Sphera.

A scena passa-se á esquina de uma rua em uma pequena aldeia na frente occidental. Ao lado esquerdo um pequeno café e encostado á parede está uma motor-cyclota. Os obuzes rebentam por todos os lados, emquanto que os soldados e animais procuram um abrigo. A nossa gravura illustra perfeitamente esta scena contada por um official inglês. "Depois de repetidas perguntas aos sapadores, infantaria, artilheiros, maqueiros, e R.A.M.C. descobri o lugar onde tinha de ir desempenhar a minha missão. Encontrei então no meu caminho um medico bem sympathico. Como nem eu nem a minha ordenança tinhamos comido ou bebido coisa alguma durante o dia, pedi-lhe que nos valesse naquella difficil conjuntura. Agora tudo estava calmo. O medico disse-me que se descesse com elle ao hospital (soube mais tarde que era um café ou taberna franceza) alli me dariam whisky e carne. Immediatamente accetei, sendo seguido pela minha ordenança. Tinhaamos andado apenas uns dez metros quando um obuz explodiu, destruindo metade de uma casa, junto á qual passavamos. O medico desceu

rapidamente a rua principal, sempre acompanhado por mim e pela minha ordenança. Alli cada casa parecia desabar. Passamos junto de um grupo de soldados e parelhas de animais que se abrigavam ás esquinas das ruas e junto aos muros, e é interessante dizer que esses animais supportavam maravilhosamente o estrondo da artilharia e tinham confiança nos seus homens. Por fim, chegamos ao hospital, onde se encontravam alguns soldados, allumiados apenas por duas velas. Um obuz tinha attingido o tecto do hospital, mas pessoa alguma, pelo que ouvi, fóra ferida. Todavia, nunca mais vi o medico, meu amigo, a carne ou o whisky. Eguamente nunca pude saber a direção que havia tomado. Como estava no corredor, onde os feridos eram attendidos, retirei-me agradecido com a minha ordenança, um tanto contrariada. No meu caminho a metralha dos allemães, por acaso ou intencionalmente, zumbia á volta de um grupo de prisioneiros inimigos.



(1) Uma preza de guerra nas mãos dos ingleses.

(2) Poderoso dreadnought inglês nas docas.

ELOQUENTE DISCURSO DO SENADOR RUY BARBOZA NA ARGENTINA

(Continuação)

NÃO importa que o valor da Hollanda e o da Belgica, como elementos essenciaes do equilibrio europeu, esteja consagrado pelos actos da politica ingleza no seculo XIV, no seculo XVI, no seculo XVII, no seculo XVIII, no seculo XIX, defendendo nos Paizes Baixos desde Philippe II, Luiz XIV, Napoleão I, até hoje a liberdade europea. Não importi o papel dos pequenos Estados, na America latina, quando a sua insurreição, no começo do seculo transacto, atalhando o vóo á Santa Alliança, tanto contribuiu para a desopressão da Europa. Não importa que, entre esses Estados, paizes haja, como a Republica Argentina, o Chile, o Brasil, de immensos territorios, grandes populações, riquezas maravilhosas, alta cultura politica e factos que honram a historia da especie humana.

Nada importará: porque só uma consideração importará; a da sua inferioridade militar, a da sua insufficiencia guerreira, o da sua desvantagem numa comparação de forças com as grandes nações armadas. Para estas nenhuma lei existe, segundo a hodi rna moral bellica, a não ser a de que a força prima ao direito, a de que o direito é apenas um accessorio da força. Segundo os magnates do systema, os pequenos Estados constituem para a tranquillidade dos grandes um risco perpetuo, são entre as potencias o pomo da discordia, dão frequente causa á guerra, e lhe deparam campo habitual no seu territorio mal defeso.

Quando foi (a pergunta é de Geffken, que não tem a suspeição de ser latino) "quando foi que a Hollanda, a Belgica, ou a Suissa fomentaram jámas a discordia entre os Estados vizinhos?" Certo que nunca. Mas

La raison du plus fort est toujours la meilleure.

A fábula de Lafontaine encerra em si toda a evolução contemporanea do direito das gentes cultas. Que vale ao cordeiro estar bebendo abaixo do lobo no veio da corrente, se, a despeito da evidencia, o appetite do carniceiro voraz o argue de lhe turvar as aguas?

Freitschke, o mestre de Bernharth, considera "uma desgraça que o direito internacional tivesse por patria, durante tanto tempo, paizes como a Belgica e a Hollanda. Esses paizes, diz elle, em continuo risco de ser atacados, tem uma concepção sentimental dessa materia, e por isso, a sua tendencia é appellar para o vencedor em nome da humanidade, como se taes appellos não fossem desnaturalaes e insensatos, pela contradicção em que se acham com o poder do Estado."

Aos olhos dos superhomens, que o insigne professor representa, a Belgica, sendo um Estado neutro, é por sua natureza um Estado emaculado. O epitheto é do insigne historiador. Vede

que tal desvirilidade nas legiões do Rei Alberto! Ora, naturalmente, como, perdendo a virilidade, mudou *ipso facto* de sexo, o Estado neutro, precizamente por ser neutro, variou de estado pessoal. A condição dos que perderam a qualidade viril é a de protegidos ou captivos, como a mulher ou o eunuco. A noção da neutralidade, pois, já não poderia ser a que até hoje se tinha por tal. Quando os Estados poderosos neutralizarem uma nação culta e livre, não seria para lhe assegurarem a independencia, mas para a sujeitarem á tutela dos fortes.

Nada obsta que essa independencia tenha a fiança de um tratado, e não só de um tratado especial, mas da convenção geral de Haya, que declara inviolaveis os territorios neutros. Nada obsta: porque os tratados, são farrapos de papel. Assignar farrapos de papel foi, pois, tudo o em que nós estivemos occupando, nas conferencias de 1899 a 1907, os quarenta e tantos Estados, que alli assiduamente nos detivemos. O mundo inteiro se indignou contra a franqueza da nova doutrina. Mas não tinha razão. É uma doutrina sincera. Não illude a ninguem. E tem o methodo de compendiar numa só palavra a immensa revolução, por que passou, manipulada pelos interesses na guerra, a moral humana.

Se os tratados são trapos de papel, porque se consignam em papeis, trapos de papel são contratos, porque todos em papel se escrevem. Se, celebrando-se no papel, os tratados, por isso, não são mais que trapos de papel, mais que trapos de papel não são tambem as leis, que no papel se formulam, decretam e promulgam. Se os tratados, porque recebem no papel a sua forma visível, á trapos de papel se reduzem,

as Constituições, que no papel se pactuam, não passam de trapos de papel. Trapos de papel maiores ou menores, mas tudo papel e em trapos. De maneira que todo o commercio humano, todas as relações da sociedade, todos os direitos e devees, a familia, a patria, a civilização, o Estado, toda a fabrica do mundo racional, bem lançadas as contas, outra cousa não é que uma traparia de papel, valioso ou inutil, conforme se trate de impôr aos fracos ou servir aos fortes.

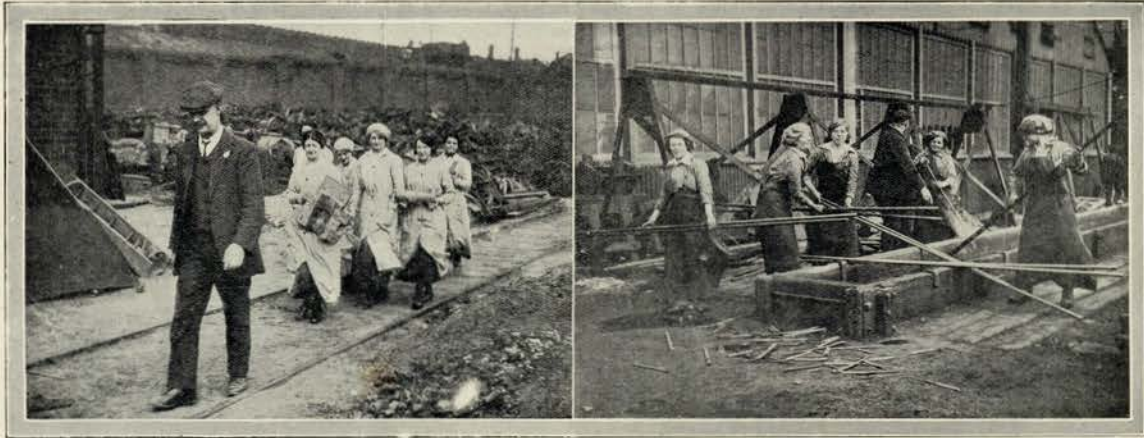
Menos do que papel é a palavra, porque é sopra: e todavia se imaginava outr'ora que ella vincula os reis e os povos, os homens e os nubes. O verbo de Deus, antes de registrado nas Santas Escripturas, o juramento na sagração dos soberanos, na inauguração das Constituições, na investidura das dignidades, no depoimento das testemunhas, a poesia homerica no canto dos astes, a tradição na memoria das gentes, a eloquencia na voz dos oradores, tudo é palavra, a palavra, cujo *fat*, na Genesis, criou o mundo, cuja vibração, na historia, transforma e revoluciona a terra.

Quando a palavra se transfere da voz ao papel cuidava o vulgo ingenho que ella subia um grau na escala da segurança, não porque a consciencia valha mais escripta do que fallada, mas porque, fallada, não deixa na escripta o rastro da sua authenticidade. Dahi o valor do papel que não comunica a sua destructibilidade ao seu conteúdo antes recebe do que elle contem a sua inviolabilidade. Essa a nobreza do papel. No papel se salvaram todos monumentos das letras antigas. No papel se perpetuavam os antigos foraes dos municipios livres. No papel se escreveu a Magna Carta. No papel fixa o mathematico os seus calculos, a chimica as suas formulas, a geographia as suas posições, a astronomia as suas medidas, a astrologia as suas posições. No papel é que Leverrier descobriu Neptuno. Ao papel é que a amizade, o direito, a honra, confiam os seus segredos, as suas dividas, os seus compromissos. No papel é que as sciencias, as litteraturas, as instituições eternizam as suas obras primas, os seus titulos de estabilidade, os archivos do seu passado as garantias do seu porvir. Todo o universo moral, todo o universo politico, todo o universo humano assenta, hoje, em trapos de papel. As ventanias da guerra por elle passaram, e o arrebatam, o dispersam, o somem. Ahi está porque ella começa incendiando bibliothecas. São congenheres do papel, asylos do pó, dos vermes e da intelligencia. A guerra, entregando-os ás chammas, sanciona o globo. Deus não o criou para o verbo, mas para o ferro.

Se houvesse de acatar esses papelleiros, esses papelleiros, essa papelleira, a guerra estaria desarmada. A cada passo o fantasma de um direito, o tropeço de uma convenção, a impertinencia de um garantia, *Cedant arma leges, diz a outr'ora o mundo. Mas hoje,*



Limpendo duas potentes peças ingeseas.



(1) O trabalho das mulheres inglesas durante a guerra, em munições. (2) Em construções navas.

o que se diz ao mundo é que *ceda jus armis*; ceda o direito à força. É como a força tem e sua culminação na guerra, a guerra é a lei das leis, a justiça, das justíças, a soberania das soberanias.

Essa grandeza não tolera liberdade, nem a humanidade, nem a honestidade. Se um indivíduo repudiasse a sua assignatura num contrato legítimo, a título de ser um trapo de papel, ninguém o trataria por homem de bem. Mas, se uma nação repudiar tratados solenes a título de serem papeletes ninguém osará dizer que fez o que não devia. Porque a força é o juiz dos seus direitos, a guerra é a arbitra dos seus poderes e todas as convenções internacionais encerram a clausula subentendida sempre, *do rebus sic stantibus. Emquanto as circunstancias não mudarem, isto é, enquanto outra não seja a vontade soberana do mais forte.*

E' pela guerra, diz Bernhardt, "e só pela guerra que se póe realizar a *expropriação das raças incompetentes*. Domina o mundo a idea de que a guerra é um instrumento politico antiquado, já indigno de povos adiantados em civilização. Nós outros, nos não devemos deixar seduzir dessas theorias. Os tribunales de arbitramento são um perigo; visto como podem tolher os movimentos das potencias envolvidas no caso."

"Raças incompetentes!" Quaes são ellas? As nações desarmadas ou mal armadas. A incompetencia ou a incompetencia são as armas que as dão ou a tiram. Não está no direito a competencia; porque o direito é apenas um exponente do poder. Não está na intelligencia porque a intelligencia não é machina de matar. Não está na riqueza, porque o mais rico dos Estados pode ser reduzido a um cemiterio pelo vendaval de uma invasão. Não está nas convenções; porque o papel não vale senão pelo punho que o defende. Eis, senhores, os beneficios da guerra. Não se limita a exterminar as vidas. Acaba-nos com o senso moral.

No lugar onde elle existia, um hediondo cancro prolifera as suas raizes monstruosas. A guerra não é um mal, mas um bem: "uma necessidade biologica da mais alta importancia." Com ella não perde a cultura; pelo contrario, no desenvolvimento da cultura a guerra é e maior dos factores." O genero humano a não deve temer. Longe disso, "Deus ha de prover a que se renove sempre essa medicina drastica do genero humano." As diligencias tendentes a extincção da guerra não são só insensatas senão tambem immoraes, e se devem estigmatizar como indignas da humanidade. "Cogitar em tribunales de arbitramento é alimentar "ideas, que representam uma presumptuosa intenção no dominio das leis da natureza, e acarretarão para a especie humana em geral as consequências mais desastrosas." Bem fóra de arruinar os povos, a guerra os desenvolve e enriquece; pois "a historia inteira nos ensina que o commercio medra á sombra da força armada." Bem haja, pois, "o saudavel egoismo que dirige ainda a politica da maioria dos Estados"; porquanto graças a elle se baldarão os enforços enviados para estabelecer a paz, enforços "extraordinariamente perniciosos," que contrariam "a idealidade, a inevitabilidade, as benções da guerra, da guerra, estimulo indispensavel ao desenvolvimento do homem."

Da paz, sim, é que nos de-

vernos receiar porque a paz, se fosse accao exaquivel, "nos conduziria á degeneração geral."

Elia "não deve, nem poderá ser nunca o objecto da politica de uma nação"; visto como na guerra consiste "a lei natural a que se podem reduzir todas as outras leis da natureza" Heraclito de Ephero dizia que "a guerra é a mãe de todas as cousas"; e os sabios da nossa idade não toparam outra expressão mais digna de resumir a obra divina. "Os grandes armamentos constituem a mais necessaria precondição da salubridade nacional."

"O fim de tudo e a essencia de tudo, num Estado, é o poder; e quem não for bastante homem, para encarar de resto esta verdade, renuncia á politica." O mais sublime dever moral do Estado não é guardar a justiça, nem sustentar a moral; "é augmentar o seu proprio poder." Da moralidade das suas acções o Estado é o unico juiz. "Os direitos reconhecidos," como os que se estipulam nos tratados não são já mais direitos absolutos; sua origem humana os torna imperfeitos e variaveis; e condições ha, em que não correspondem á verdade actual das cousas." "Todo o trabalho em favor da existencia de uma humanidade collectiva fóra dos limites dos Estados e nacionalidades é irrealizavel."

"As nações fracas não tem o mesmo direito de viver que as nações poderosas e robustas. Eis, senhores, os axiomas de escola destinada a regenerar o mundo pela força."

Se esse é o verdadeiro direito publico, ninguém se poderá queixar de que a guerra actual tenha dilacerado todas as convenções de Haya. As convenções de Haya são as mais solenes de quantas a historia tem visto, são os actos juridicos da maior gravidade em que se tem manifestado reciprocamente a vontade livre dos Estados. Porque nunca se celebrou conselho de nações tão numeroso como esse, onde poderemos dizer que se reuniram, em numero de mais de quarenta, todos os governos regulares; nunca se debateram tão attentamente em "commum entre Estados os seus mutuos direitos na paz na guerra; nunca se deliberou com tanta

luz, com tanta inenção, com tanta harmonia sobre essas questões supreñas; nunca se erigio ás leis da paz e da guerra uma construcção tão vasta, solida e exccelsa. Dessa construcção, porém, o conflicto que ora rasga as entranhas da Europa não deixou pedra sobre pedra.

Os factos se accumulam descompassados e tremendos. Como conciliar as convenções de Haya com a violação do territorio de nações neutras, invadido, occupado, talado, anexo? Com o uso de gazes asphyxiante e jactos de petroleo inflammado? Com o emprego de projectis explosivos e o envenenamento de fontes? Com o abuso da bandeira parlamentar e dos signaes da Cruz Vermelha? Com a imposição de requisições e indemnizações exorbitantes ás regiões occupadas? Com o bombardeio de povoados, cidades, villas, predios e vivendas indefesas? Com o fogo dirigido contra edificios consagrados aos cultos, ás artes, ás sciencias, á caridade, monumentos historicos, hospitaes e enfermarias? Com o constrangimento dos prisioneiros a tomar parte nas operações militares contra a sua patria, ou a servir de escudo vivo ao inimigo? Com o systema de obrigar os refens a responderem por actos de hostilidade a que são alheios, e que não podem evitar? Com as penas collectivas, forçados, as extermínações implacaveis de populações inteiras, a pretexto de factos individuaes, por que não são responsaveis? Com a destruição desnecessaria de propriedades particulares e publicas, de bairros, aldeias e cidades inteiras, de estabelecimentos votados á religião, á beneficencia, ao ensino, de mercados, museus officinas industriais, obras artisticas e laboratorios de saber, a título de castigos geraes? Com a pilhagem e o incendio, a expatriação e a deportação de habitantes innocentes, sem consideração de sexo, idade, condição ou soffrimento? Com o fuzilamento de prisioneiros ou feridos e a execução em grosso de pessoas não combatentes? Com o ataque a navios-hospitaes e a disseminação de minas fluctuantes pelo alto mar? Com a ampliação arbitraria da zona maritima da guerra? Com a destruição de barcos de pesca? Com o torpedeamento e afundamento de vasos neutros mercantes, o sacrificio das suas equipagens e dos seus passageiros, sem aviso, nem soccorro, ás centenas, aos milhares? Não me occupo, senhores, com a politica, mas com o aspecto juridico desses acontecimentos. Não é o Embaixador do Brasil que vós recabestes e elegestes membro honorario do vosso corpo docente; é unicamente o jurista. Mas, para trazer o espirito aborço dessas questões, acresce ainda ao jurista a consideração da parte, modesta mas notoria da, parte assidua, laboriosa, intensa, que tomou nos trabalhos da ultima conferencia da Paz, e o cargo em que, ha nove annos, está de membro da Corte Permanente de Arbitramento. O meu caso vem a ser o do Juiz que pergunta pelo codigo das leis cujas normas póde ter de applicar, e do legislador que estremece pelas instituições, em cuja elaboração cooperou, o de um signatario desses contratos, que busca saber se entendi o que fez, se não se observa o que ajustou, se contribuiu para melhorar os seus semelhantes, ou se para os illudir e fraudar.

Continuação.

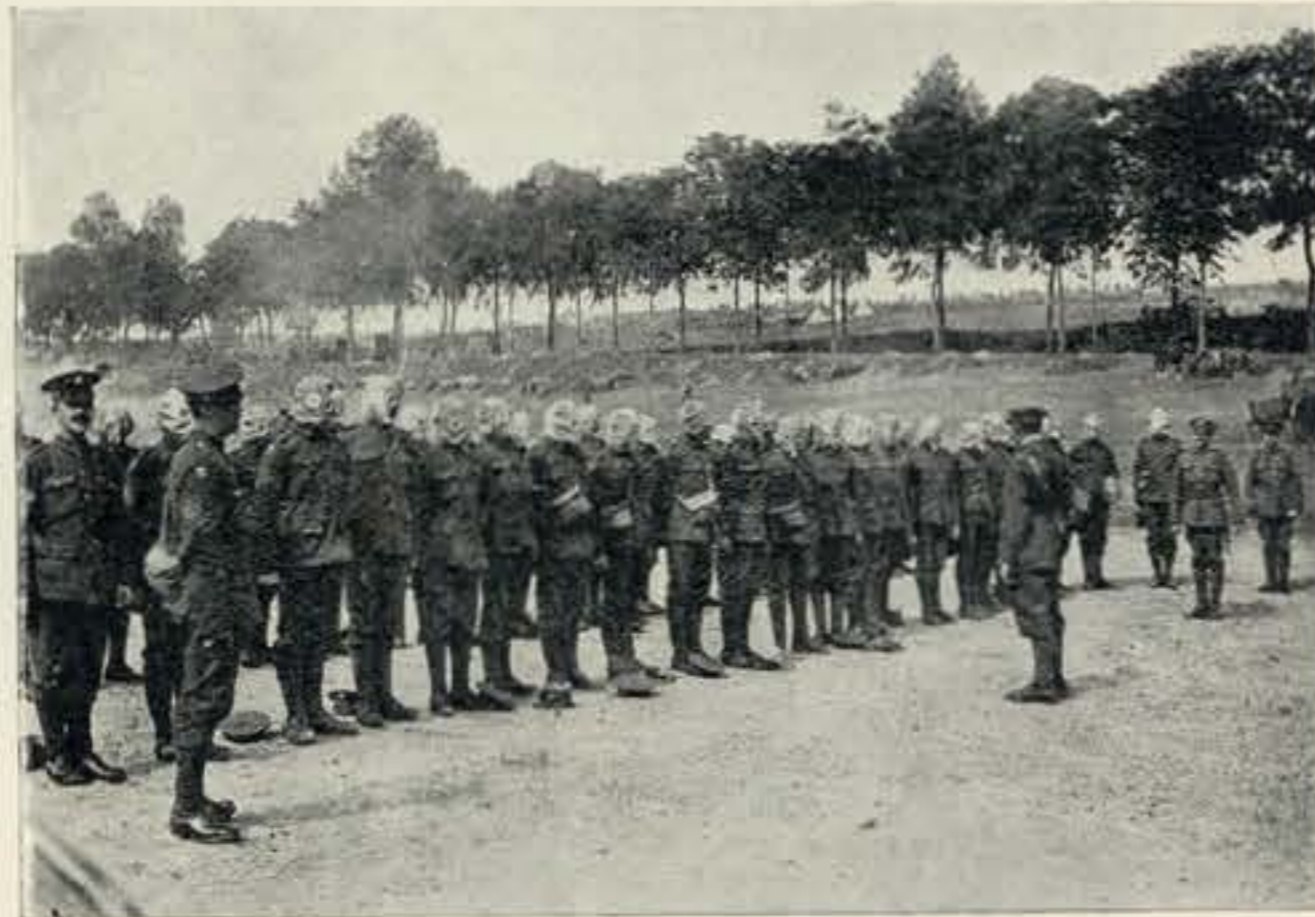


Uma triste scena da guerra, proximo de Fiers

A BRILHANTE OFFENSIVA DOS INGLEZES — O



UMA POTENTE HOWITZER INGLEZA EM AÇÃO



EXERCICIO MILITAR COM MASCARAS RESPIRATORIAS



ARAME ATRAVESSANDO A ALDEIA DE MAMETZ



INGLEZES TOMANDO UMA REFEIÇÃO ENTRE RUINAS



PARA SOALHAR AS TRINCHEIRAS NO INVERNO



CANADIANOS NUMA PRIMEIRA LINHA DE TRINCHEIRAS

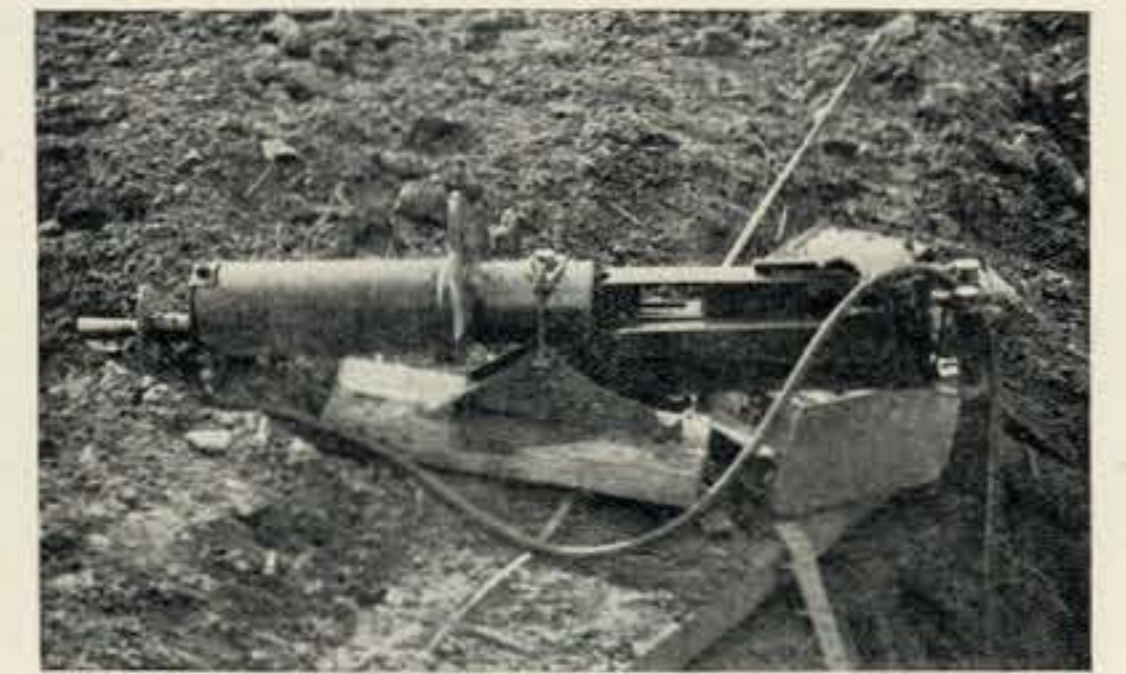


OCCUPANDO UMA ANTIGA TRINCHEIRA ALLEMÃ

AVANÇO PARA A VICTORIA DOS ALLIADOS



CERIMONIA FUNEBRE ATRAZ DAS LINHAS DE FOGO



UMA METRALHADORA ALLEMÃ CAPTURADA



FAZENDO EXERCICIOS COM UMA METRALHADORA ALLEMÃ



INGLEZES ACCOMMODAM-SE NUMA TRINCHEIRA INIMIGA



PRESENCIANDO A PASSAGEM DE PRISONEIROS



AMBULANCIA CANADIANA, ATTENDENDO UM FERIDO ALLEMÃO



"L. R. BRIGADE" NUMA TRINCHEIRA DA RECTAGUARDA



MODAS DA ESTAÇÃO.

Desenho d' "O Espelho"

- (1) Elegante vestido de passeio, de duas cores. Verde escuro com verde claro fazem uma linda combinação, ou azul claro com xadrez verde. Castanho e azul e outras combinações dariam, sem duvida, um lindo effeito. O casaco é forrado com panno de xadrez.
- (2) Casaco de inverno, verde enfeitado com pelles brancas, de raposa.

GERMANIZAÇÃO DO SUL DO BRAZIL

(As primeiras partes desta importante publicação do illustre escriptor brasileiro Sr. Paul Darcanchy, no n.º 6, e seguintes)

(Continuação)

Em um memoravel discurso pronunciado na Camara dos Deputados, o dr. Barbosa Lima no intuito de deixar bem patente o espirito das leis que movimentam a engrenagem "kolossal" do "Deutschum," recordou o conhecido caso de um alsaciano que tendo jurado fidelidade à antiga, quiz afirmar seus sentimentos francezes na epigraphie que mandou collocar sobre o tumulo da velha mãe. A epigraphie assim começava: *Ci git.*

Decorridos alguns dias tendo ido vizitar o sepulchro da progenitora, encontrou a lapide quebrada e sobre o tumulo outra pedra com os dizeres em allemão: *Nascida a. . . Fallecida a. . . (Geboren am. . . Gestorben am. . .)*

Lembra-se o dr. Barbosa Lima, no entanto, de haver encontrado no cemiterio de Nova-Friburgo varios sepulchros com as epigraphies redigidas em allemão, o que significa que os processos germanizadores se estendem até alem-tumulo.

O mesmo factó é observado em todos os cemiterios das cidades do sul onde existem allemães. E' mais um curioso aspecto da lei tudesca de dupla applicação.

Ha ainda um outro exemplo que não deve ser esquecido: a conhecida severidade das leis allemães não permite que os estrangeiros se arroguem direitos de critica ás instituições que dignificam a Alemanha do imperialismo; mas no Brazil, como provavelmente em todos os paizes que ainda não puderam imitar o Japão e a America do Norte impondo-se pelo peso das armas á consideração das grandes potencias europeas, os jornalistas tudescos

atacam constantemente as instituições nacionaes.

Tambem Liebknecht condemnou os excessos de barbaria praticados na Belgica. Para se certificar até que ponto eram verdadeiras as acusações feitas aos soldados prussianos, Liebknecht, que é um dos representantes, no Reichstag, do grande partido socialista allemão, percorreu todas as cidades incendiadas pelo exercito invasor. Regressando á patria afirmou que "atravessar a Belgica é uma vergonha para o nome da Alemanha."

Dir-se-á que para um sonhador, avesso por principio ás coisas mavorcias, todos os factos ainda os mais explicaveis que porventura commettam os exercitos invasores contra as populações civis dos paizes submettidos, assumem, proporções exaggeradas. A objecção tem razão de ser, em parte: fallando em nome da Alemanha socialista, Liebknecht não pode ter perante a consciencia burgueza a mesma autoridade que teria si o fizesse em nome de uma classe conservadora.

Um pregador dessas encantadoras chimeras de paz e fraternidade universaes, mesmo quando representa o pensamento de alguns milhões de homens conscientes, será um eterno suspeito, emquanto do grande scenario da politica internacional não desaparecerem de vez os contrastes singulares como o do Tribunal de Haya ao lado da confagração europea. Mas por muito que de suspeito possa ser acoidado o testemunho valiosissimo do deputado socialista allemão, quem ousará negar ou justificar os incendios methodicamente ateados ás cidades abertas de Louvain e Termonde?

Negal-os, certo ninguem o fará, pois a confissão tacita do crime já foi objecto dos communicados officiaes allemães em que se alludiu até ao coração dos incendiarios "a sangrar de dor por Louvain." Justificar a selvageria é tão difficil como contestar o factó, a não ser que constitua uma justificativa a necessidade que tinham os invasores de experimentar praticamente os effeitos da celebre theoria do "vencer pelo terror," creada pelos luminaries da guerra na Prussia.

E será accetivel essa razão?

Não! responde a propria Alemanha do padre Hein e de Liebknecht, a "Grande Alemanha" que não invoca Deus para presidir á chacina das batalhas, nem para associar-o na messe de glorias collidas sob o escombro dos hospitaes.

O "Club de Leitura Allemão," de Paris, approvou a seguinte moção em Agosto de 1914:

"Aos nossos camaradas francezes."

Nesta hora de tristeza, nós vos exprimimos os sentimentos mais fraternaes dos socialistas allemães, que preferem ficar em vosso paiz de liberdade e que se recusam bater contra seus camaradas francezes.

Todos nós amamos nossa patria, mas não podemos mais amar uma patria que ataca um povo pacifico.

Nossas sympathias se dirigem a vós que defendeis o solo da liberdade.

Abaixo as monarchias!
Viva a França democratica!
Viva a Republica Allemã!

Continuação.

VERDADEIRA ALIMENTAÇÃO PARA CAES



Este cão é um exemplo do mais perfeito estado em que pode ser mantido um animal desta espécie—espíndido, pelto, cheio de vida, e faz honra ao seu dono.

As refeições diárias tem consistido em:

SPRATT'S DOG CAKES
(Biscoito para cães)

PUPPY BISCUITS
(Biscoito para cãesinhos)

Alimente o seu cão durante um mez com SPRATT'S BISCUITS (Biscoito Spratt's) e verá como melhora. A firma Spratt's é famosa em todas as partes do mundo para a alimentação de cães, gallinhas, passaros e cães domésticos.

Tambem souos proprietarios dos incubadores marca *Harrison*, os quais chocam todas as ovos *Brookings*. Escreva, pedindo as publicações sobre o tratamento de cães, gallinhas, passaros e outras aves domesticas, mencionando para qual das especies deseja. Envia-se gratis. — Dirija a correspondencia para: **SPRATT'S PATENT LIMITED**, 24/25 Fenchurch Street, Londres, Inglaterra.

JOHN WYMAN, LONDRES.

EXPORTADOR PARA O BRAZIL.

Drogas, Productos Chimicos e Pharmaceuticos.

Especialidades Inglesas e Estrangeiras.

MARCA REGISTRADA:
"ESTRELLA VERMELHA,"
CONHECIDISSIMA EM TODO O BRAZIL HA MAIS DE 50 ANNOS.

A.H. Parker

Fabricantes e Exportadores de Moveis Para Residencias e Escriitorios.

Todos os trabalhos são esmeradamente acabados e garantidos Aceitam-se encomendas do estrangeiro.

4, BISHOPSGATE, LONDON, E.C.

London and Brazilian Bank, Limited.

Estabelecido em 1862.

Capital subscrito, 125,000 Ações de £20	£2,500,000
cada uma
Capital realizado	£1,250,000
Fundo de reserva	£1,400,000

Casa Matriz:

7, Tokenhouse Yard, Londres, E.C.

SUCCURSAES:—

BRAZIL: Rio de Janeiro, Manaus, Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, Santos, São Paulo, Curitiba, Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RIO DA PRATA: Montevideo, Buenos-Aires, Rosario, ESTADOS UNIDOS DA AMERICA: Nova-York (Agencia).

FRANÇA: Paris, 5, rue Scribe. PORTUGAL: Lisboa, Porto.

Agentes, ou correspondentes em todas as principaes cidades do Brazil, Uruguay, Argentina, Estados Unidos da America, e Europa. Cartas de credito, e Remessas Saques, por telegrama emitidas pelas Succursaes e Agentes-Letras de Cambio descontadas ou navidades à cobrança, e todo o genero de transações bancarias.

STOWELL & Co., LIVERPOOL.

NO PARÁ Stowell Brothers
EM MANOAS Stowell & Sons
EM PERNAMBUCO ! .. Stowell & Nephew

EXPORTADORES E IMPORTADORES.

FERRAGENS, FAZENDAS, ESTIVAS, METAES.
ALGODÃO, BORRACHA.

BAISS BROTHERS & CO. Grange Works, LONDRES
(ESTABELECIDOS EM 1833).

Fabricantes de DROGAS, PRODUCTOS CHIMICOS E  ACCESSORIOS PARA HOSPITAES.

O "ROTULO VERMELHO" com a MARCA ACIMA E CONHECIDO NO BRAZIL HA UM SEculo, uma Prova da BÓA QUALIDADE DE NOSSOS PRODUCTOS.

"The South American Journal"
FUNDADO EM 1865.
Diploma de honra na Exposição de Buenos-Ayres em 1910.

Este semanario é o principal órgão em inglez para as relações commerciaes entre a Inglaterra, a America do Sul, Central, e o Mexico, contendo o resumo das ultimas noticias, e o relatório de todas as companhias respeitantes aquelles paizes.

Indica tambem a melhor oportunidade para negocios, o estado do mercado, e o que lhe merece um cuidado especial, a situação financeira.

Tem uma larga circulação no continente europeu, bem como no Brazil, e outros paizes da America latina, sendo assignado por muitos banqueiros proprietarios, exportadores engenheiros negociantes, companhias de navegação, de caminho de ferro de tramway, de gaz, escriptorios officiaes e por todas as empresas que tem interesse na America do Sul.

Para annuncios pedir a tabella.

Redacção e administração, 309-312, Dashwood House, 9, New Broad St., LONDRES, E.C.

Assignatura annual 25 Shillings

Numero avulso 6 pennies

Manda-se gratis um exemplar para amostra.

Pede-se o obsequio, quando responderem aos annuncios

R.M.S.P. & P.S.N.C. (MALA REAL INGLEZA).

Os mais luxuosos vapores com o maximo conforto.

Serviço continuo de paquetes entre os portos do

IMPERIO BRITANNICO

HESPAÑHA, PORTUGAL, ilhas das CANARIAS, S. Vicente (C.V.), BRAZIL, RIO DA PRATA

e outros portos da AMERICA DO SUL, **ANTILHAS**

CANAL DO PANAMA.



Varandas para café. Apartamentos de luxo e Camarotes com uma unica cama. Criados Portuguezes.

PARA INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE: Royal Mail Steam Packet Co., Pacific Steam Navigation Co.,

London: 18, Moorgate Street, E.C. Liverpool: 31, James Street.

RIO DE JANEIRO: 55, Avenida Rio Branco.

Linha de Vapores Nelson
Viagens rapidas todas as semanas DE LONDRES A MONTEVIDEO E BUENOS AYRES.

Preços os mais modicos, com o maximo conforto.

Para informacoes sobre passagens ou fretes dirijam-se

À agencia— **WILSON SONS & CO.,** Rio de Janeiro. **H. W. NELSON, LIMITED,** Buenos Ayres.

FINANÇAS BRAZILEIRAS

The Financial Times é o mais

importante jornal em materia de finanças e, no genero, o de maior circulação na Gran-Bretanha. Um diario incontestavelmente reconhecido como o melhor meio pelo qual os capitalistas ingleses correctamente se informam dos desenvolvimentos financeiros e commerciaes do Brazil.

Todas as communicações devem ser dirigidas ao Redactor ou Gerente Commercial

"The Financial Times,"

72, Coleman Street, Londres, E.C.

no nosso jornal, de mencionarem "O ESPELHO."

LINHA BOOTH.

Viagens regulares entre Liverpool, Hespanha, Portugal, Madeira, Pará e Manãos.

Os paquetes são confortavelmente aquecidos por meio de irradiadores, caprichosamente illuminados a luz electrica, e todos os seus compartimentos aparelhados com ventiladores. Transportam installação de telegraphia sem fios, medicos, enfermeiros, creados e orchestra, para o conforto e gozo de seus passageiros.

Para informações detalhadas dirijam-se aos agentes da Linha Booth, nos portos em que tocam. ou á

THE BOOTH STEAMSHIP Co., Ltd., Escriptorios: de Londres: Tower Buildings, II, Adelphi Terrace, W.C. Administração: Liverpool.

LAMPOR & HOLT LINE

Linha de vapores para transporte de passageiros e malas para a AMERICA DO SUL, BRAZIL, RIO DE PRATA, E NEW YORK

Vapores de carga, directos, transportando passageiros so de primeira classe.

Partidas quinzenaes de Manchester, Glasgow, Liverpool, Middlebrough e Londres, para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Partidas quinzenaes de Glasgow, Liverpool, Middlebrough e Londres, para Montevideo, Buenos-Ayres e Rosario, De Glasgow, Liverpool e Havre, para os portos occidentaes da America do Sul.

Para informações dirijam-se a **LAMPOR & HOLT, Ltd.**

LIVERPOOL—Royal Liver Building. LONDRES—36 Lime Street. MANCHESTER—21 York Street.

BEBAM SÓMENTE CHALIPTON

O melhor Chá do Mundo



À VENDA EM TODOS OS MELHORES ARMAZENS

SCENAS DA GUERRA



Officiaes e soldados allemães capturados pelos canadianos.



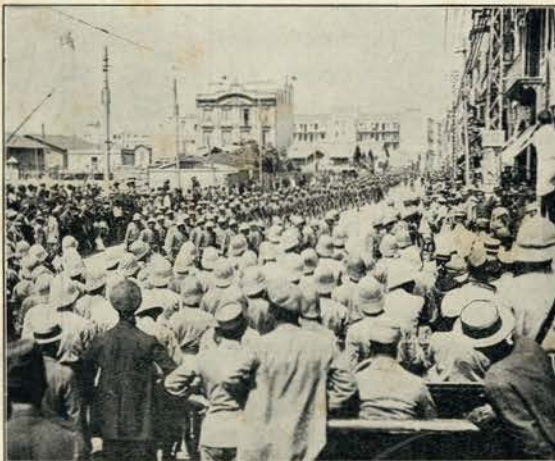
Obuz do inimigo explodindo proximo de uma ambulancia.



Trincheira allemã depois de um bombardeio inglez.



Os briosos soldados Leicesters durante um repouzo.



Brilhante recepção aos soldados italianos em Salonica.



Allemães capturados e ingleses dirigindo-se para as linhas.